

Cresce orientação para acionista estrangeiro não investir no Brasil

Conjuntura Cenário de risco

Brasil perde participação em carteira de investidor estrangeiro

— Receios com quadro fiscal no País e incertezas sobre juros nos EUA levam bancos a retirar recomendação de compra de ações de empresas brasileiras

ALINE BRONZATI
CORRESPONDENTE NOVA YORK

A persistência de temores em relação ao quadro fiscal no Brasil, que não foram apaziguados com o pacote apresentado em novembro passado pelo governo, e a perspectiva de menos cortes de juros nos Estados Unidos no ano em que Donald Trump retorna à Casa Branca, devem manter o investidor estrangeiro distante do País em 2025.

Bancos de Wall Street como JPMorgan e Morgan Stanley, mas também da Europa – en-

tre eles, o suíço Julius Baer e o HSBC – têm rebaixado a recomendação para a compra de ativos brasileiros num movimento em cascata diante da piora das expectativas e da falta de visibilidade para a reversão desse cenário à frente.

Ao longo do ano passado, a participação do Brasil em fundos globais, que já era baixa, minou ainda mais. O peso do País no índice de ações MSCI Emerging Markets (MSCI EM), uma das principais referências para investidores estrangeiros, caiu para cerca de 4% em dezembro, ante 5,8% no fim de 2023. Com

isso, o Brasil foi desbancado pela Arábia Saudita, que se consolidou na quinta colocação do índice pela primeira vez na história. Nos tempos áureos, quando de-

Referência
Peso do País no índice de ações MSCI Emerging Markets caiu para cerca de 4%, ante 5,8% em 2023

tinha grau de investimento (perdido em 2015, no governo Dilma Rousseff), o Brasil chegou a registrar participação de 17%.

Para o diretor da consultoria política Eurasia Group para as Américas, Christopher Garman, dificilmente o estrangeiro vai querer entrar com investimentos mais fortes no Brasil ao longo de 2025. Pesam, sobretudo, as incertezas sobre como os riscos domésticos podem se desenvolver diante de um cenário de maior cautela externa com Trump de volta à Casa Branca, explica. Além disso, os juros nos EUA podem sofrer apenas um corte de 0,25 ponto percentual neste ano, como mostra monitoramento da plataforma CME Group, o que deve manter

baixo o apetite estrangeiro por países emergentes (mais informações na pág. B2).

“O investidor estrangeiro ainda enxerga o Brasil de uma forma um pouco menos alarmista que o doméstico, mas essa distância se estreitou com a crise de confiança que o Brasil atravessou nos últimos meses”, avalia Garman, baseado em Washington, nos EUA.

A equipe econômica tem rebatido as avaliações do mercado. Na quarta-feira, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, previu que o País chegará “mais arrumado” em 2026 (último ano do atual mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva), em relação ao quadro herdado de Jair Bolsonaro, se conseguir tirar todas suas propostas do papel.

Em recente entrevista ao *Estadão/Broadcast*, o diretor de Pesquisa Macroeconômica para a América Latina do Goldman Sachs, Alberto Ramos, alertou que os investidores “jogaram a toalha” para o Brasil. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1